
A LUDICIDADE NAS TRAMAS DA LITERATURA: LEITORES/AS EM FORMAÇÃO

PLAYFULNESS IN THE PLOTS OF LITERATURE: READERS IN FORMATION

**LA LUDICIDAD EN LAS TRAMAS DE LA LITERATURA: LECTORES/AS EN
FORMACIÓN**

Marta Mascarenhas de Oliveira¹

Adriano Eysen Rego²

<https://doi.org/10.5935/2358-3541.2024145424-pt>

Resumo

Este estudo objetiva demonstrar o potencial lúdico presente nos textos literários, que são imprescindíveis para a formação de sujeitos leitores, pois aguça o senso crítico, desperta a criatividade e a sensibilidade. Enfatizamos o quão significativo é o elemento lúdico, o qual está para além do senso comum (sendo restrito à educação infantil ou simplesmente uma leitura por divertimento). Tencionamos demonstrar que a ludicidade literária é um estado do ser, uma experiência subjetiva de cada sujeito, que o move em seu espírito/psique influenciando nas suas ações. Trata-se de um estudo bibliográfico, que contou com as reflexões imprescindíveis de autores como Cosson (2006); Huizinga (2000); Silva (2020), dentre outros. Ao entendermos tal potencialidade nas linhas e entrelinhas da literatura, é importante salientar o significativo papel de incentivo à leitura, que cabe à comunidade escolar, aos pais e aos gestores públicos, proporcionando fomento às ações didático-pedagógicas,

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (MPED), pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: Marta_fjmmascarenhas@hotmail.com.

² Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (MPED) na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: Adrianolittera@hotmail.com.

oportunizando o contato com a leitura literária, levando os/as alunos/as ao despertar de afetos pela leitura.

Palavras-Chave: Literatura; Lúdico; Leitura.

Abstract

This article aims to demonstrate the playful literary potential present in literary texts, which are essential for the formation of reading subjects. Throughout this article, we also emphasize how significant the playful element is, which goes beyond common sense (being restricted to early childhood education or simply reading for fun). We intend to demonstrate that literary playfulness is a state of being, a subjective experience of each subject, which moves their spirit/psyche and influences their actions. When we understand this playful literary potential in the lines and between the lines of the literary text, it is important to highlight the significant role of encouraging reading, which is the responsibility of the school community, parents, and public managers, providing encouragement, support and didactic-pedagogical actions that provide opportunities for contact with books, and therefore with literature, thus leading students to awaken their affection for reading.

Keywords: Literary texts; Ludic; Reading.

INTRODUÇÃO

A ludicidade é primordial para o processo de formação do ser humano. Em sua essência, qualquer sujeito opera no e com o universo lúdico numa permanente interação com o mundo. Certamente, é nesse contexto no qual se dá o processo de ensino/aprendizagem, sobretudo da criança. Dessa forma, este artigo visa desenvolver uma reflexão crítica acerca do potencial lúdico da literatura no processo de formação da competência leitora dos sujeitos leitores/as, em especial estudantes da escola pública. Nesse sentido, podemos notar que a ludicidade pode potencializar o imaginário, aguçar o senso crítico dos(as) leitores(as), bem como também levantar reflexões no que tange ao espaço que a literatura ocupa na sociedade contemporânea, buscando compreender como a literatura se insere na vida dos

sujeitos operando no seu interior como força humanizadora capaz de ampliar o seu olhar sobre si mesmo e sobre o outro, bem como lhes proporcionar importantes experiências estéticas.

A LUDICIDADE NAS TRAMAS DA LITERATURA: LEITORES/AS EM FORMAÇÃO

A partir de todo o potencial lúdico presente na literatura, a concebemos como libertadora, transformadora, sendo capaz de desenvolver autonomia nos sujeitos, tornando-os críticos, reflexivos e capazes de alterar de forma significativa e positiva suas vidas e suas realidades.

Ao adentrarmos nas reflexões acerca da ludicidade nas tramas da literatura, é importante trazermos, brevemente, alguns conceitos sobre o lúdico. Segundo o dicionário Aurélio (2022), o lúdico é: (i) Algo que é feito através de jogos, brincadeiras, atividades criativas; (ii) Que faz alguma coisa simplesmente pelo prazer de fazer. Sabendo que há convergências entre as concepções de jogo e lúdico, acerca da natureza e do significado do jogo, Johan Huizinga (2000) diz que:

A existência do jogo não está ligada a qualquer grau determinado de civilização, ou a qualquer concepção do universo. Todo ser pensante é capaz de entender à primeira vista que o jogo possui uma realidade autônoma, mesmo que sua língua não possua um termo próprio. Mas reconhecer o jogo é, forçosamente, reconhecer o espírito, pois o jogo, seja qual for sua essência, não é material (Huizinga, 2000, p. 9).

Certamente, o jogo faz parte da vida dos sujeitos, independente do contexto histórico-social a que pertençam, pois conseguem perceber que no jogo existe uma realidade autônoma que consegue levá-los a sentir diversas sensações; o jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata, compreendemos que o jogo e o lúdico possuem uma relação bem próxima, coadunando-se. “O jogo lança sobre nós um feitiço: é ‘fascinante’, ‘cativante’. Está cheio das duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia.” (Huizinga, 2000, p.17) E a partir deste “feitiço” que o jogo lança sobre nós é que podemos enxergar de maneira mais clara a semelhança e aproximação que possui com o lúdico, por este também desempenhar em nós sensações como prazer, descontração, imersão; de modo que ao dar exterioridade à vida, os sujeitos conseguem criar um novo mundo/nova realidade, uma realidade poética, ao lado da natureza. Segundo Huizinga (2000), a criação poética tem sua origem no jogo, remetendo-se a jogos de emulação, jogos da

corte amorosa, jogos de humor e prontidão. Isto é, aspectos presentes no jogo que conseguem despertar nos sujeitos sentimentos que podem torná-los sensíveis, críticos, reflexivos. Potencialidades estas que também são encontradas nas produções literárias.

Entendemos que de maneira implícita ao processo de criação podem estar presentes emoções e pensamentos, trabalhados pelo/a autor/a no fluxo da linguagem literária. Esta que é capaz de seduzir o/a leitor/a de forma lúdica. Constituindo-se um estado de encantamento que tira o/a leitor/a do seu estado comum/banal. O lúdico é inerente a todas as formas de expressões poéticas, já que “estão de tal modo ligadas à estrutura do jogo que é forçoso reconhecer entre ambos a existência de laço indissolúvel” (Huizinga, 2000, p.188). Ao refletirmos sobre a relação entre o jogo e o lúdico, é importante esclarecermos o que a palavra jogo designa. De acordo com Huizinga (2000), o jogo é uma atividade espontânea realizada dentro de tempo e espaço pré-estabelecidos, seguindo regras consentidas, “mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida quotidiana” (Huizinga, 2000, p.38). Percebemos que a concepção de lúdico não se trata da mesma concepção de jogo, mas o jogo é que possui o elemento lúdico. O lúdico e o jogo são conceitos próximos que se relacionam. Para Machado (2019), os sentidos de um e de outro buscam concordar e manter uma espécie de movimento de reconhecimento, tornando “difícil decidir qual é o mais amplo e qual é o mais estreito” (Machado, 2019, p.16) Ainda para a autora, o lúdico é de suma importância para o desenvolvimento dos sujeitos. Essa íntima relação entre lúdico e jogo se acentua nas linhas e entrelinhas do texto literário através de sua linguagem, do jogo da linguagem com as palavras.

O lúdico se faz presente na literatura principalmente por meio da liberdade da organização de palavras, versos e estrofes, do jogo com as palavras, no seu romper de regras gramaticais. Assim, Huizinga (2000, p. 63) afirma:

A essência do lúdico está contida na frase “há alguma coisa em jogo”. Mas esse “alguma coisa” não é o resultado material do jogo, nem o mero fato de a bola estar no buraco, mas o fato ideal de se ter acertado ou de o jogo ter sido ganho. O êxito dá ao jogador uma satisfação que dura mais ou menos tempo, conforme o caso. O sentimento de prazer ou de satisfação aumenta com a presença de espectadores, embora esta não seja essencial para esse prazer.

Então, percebendo a essência lúdica a partir desse indagar-se: “há alguma coisa em jogo” como uma força motriz para a satisfação/desejo de estar participando do jogo, entendemos que se trata também do estado psíquico/sensorial e do que Meireles (2020) considera como *punctum* - o que lança o sujeito para “fora” da obra literária. Sobre isso, Huizinga (2000) ainda nos diz que, na verdade, a função lúdica se constata especialmente quando o espírito e a mão se movem de forma natural e livre. Se afirmando principalmente na obra-prima. É possível então compreendermos o quão significativo e profundo pode ser o elemento lúdico, ou seja, ele se encontra para além do que é comumente associado (ou seja, restrito à educação infantil/leitura por puro divertimento). Com efeito, é possível compreendermos que se trata de um estado, uma vivência interna do sujeito, que o move inicialmente em seu espírito/psique e posteriormente influencia nas suas ações, neste mover-se livremente entre espírito e mão, citado pelo autor holandês. Ainda no que tange à ludicidade, Mineiro e D’Ávila (2019) pontuam que existem três dimensões no conceito de ludicidade: uma voltada para o âmbito cultural, visto que as atividades lúdicas se tratam de atos sociais e relacionais; outra psicológica, evocando um estado de ânimo manifesto por sentimentos: inteireza, vivência plena; e uma pedagógica, como princípio formativo e estruturante do processo de ensinar e aprender de forma significativa sem separações entre o pensar e sentir. As autoras enfatizam a potencialidade da ludicidade em suas três dimensões e, a partir da presença da ludicidade nos contextos cultural, psicológico e pedagógico, concebemos que cada sujeito percebe/sente o lúdico de maneira particular e subjetiva, pois leva em conta suas experiências, seus conhecimentos, seu momento psicológico e tudo que os cerca.

A PRESENTIFICAÇÃO DO LÚDICO NO TEXTO LITERÁRIO

Ao pensarmos a presentificação do lúdico dentro do campo literário, é importante caracterizarmos o texto literário como uma composição que é capaz de burlar as regras gramaticais, que consegue reinventar suas próprias estruturas linguísticas através do jogo da linguagem. Nesse contexto, Cosson (2006, p.16) nos diz:

O corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício. A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma

exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana.

Nesse explorar das potencialidades da linguagem literária, tem-se o que podemos denominar como uma particularidade, o seu “jogo” com as palavras, organizadas de tal forma que consegue atingir o íntimo de seus/as leitores/as a ponto de tocá-los/as e metamorfoseá-los/as. “Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura consegue até mesmo, dizer-nos o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos” (Cosson, 2006, p.17). Então, a partir das experiências proporcionadas aos sujeitos pela literatura, conseguimos perceber o fazer-se presente do lúdico, nas linhas e entrelinhas das escritas literárias, de modo que os sujeitos conseguem romper os limites espaciais e temporais do aqui e agora. E, para que isso ocorra, é importante salientar o significativo papel de incentivo à leitura, que cabe a comunidade escolar, aos pais e aos gestores públicos, proporcionando fomento, apoio e ações didático-pedagógicas que oportunizem o contato com os livros, e, por conseguinte, com a literatura, assim levando os/as alunos/as ao despertar de afetos pela leitura. Cosson (2006) nos leva a compreender ainda que o aprofundar-se na leitura literária faz-nos enxergar que há um processo de comunicação, tratando-se de uma leitura que exigirá respostas de seus leitores/as, os convidando a emergir na obra de diferentes maneiras, investigando-a por vários aspectos. Sendo o “segredo” maior da literatura a relação/envolvimento subjetivo que ela oportuniza aos sujeitos através de um mundo alicerçado no jogo das palavras. Na leitura, há um processo que, de acordo com Compagnon (2010), situa o texto em relação a normas e valores extraliterários, através dos quais o leitor/a dá sentido a seu contato/experiência com o texto. Estabelecendo-se, assim, a noção de pré-compreensão, indispensável a toda compreensão “que é outra maneira de dizer, como Proust³ que não há leitura inocente, ou transparente: o leitor vai para o texto com suas próprias normas e valores” (Compagnon, 2010, p.146).

Em todo caso, vale salientar que essas normas e valores do/a leitor/a serão alteradas de acordo com sua experiência de leitura. Quando lemos, e ao nos conectarmos com o texto, de forma tão íntima e profunda a ponto de não

³ Proust é escritor de obras como *Em busca do tempo perdido*. Ele é mencionado em citações de Antoine Compagnon, autor utilizado nesta pesquisa.

conseguirmos perceber o passar das horas, realizamos ainda um “deslocar-se” do aqui e agora - espaço físico em que nos encontramos, então adentramos no que as autoras D’Ávila e Mineiro (2019) chamam de estado lúdico - que faz o indivíduo “viajar” para longe sem sair do lugar, encontrando-se então alheado/contemplativo, ou ainda, ilusionado - “daí talvez parte da etimologia latina do termo lúdico, *in lusio*, “que quer dizer ilusão” (D’ávila, Mineiro, 2019, p. 17 *apud*; D’ávila; Leal, 2012, p. 200). E cada sujeito vive o lúdico de maneira subjetiva, levando sempre em conta suas experiências, seu contexto/cotidiano, aspectos ou características que lhe são particulares.

Assim, podemos considerar que a presentificação do lúdico dentro do texto literário se dá a partir da interação entre leitor/a e texto, a partir de sua conexão com aquilo que está lendo. Já que a ludicidade é: “um fenômeno de natureza consequencial à espécie humana. É uma condição do ser humano que se manifesta e produz uma diversidade de efeitos” (Lopes, 2014, p.29). Dessa maneira, a presença dessa ludicidade faz com que se possa experienciar distintas emoções e cognições/compreensões. “A ludicidade é entusiasta, a estimulação é excitante, o desafio a vencer dinamiza sinergias” (Lopes, 2014, p. 37). O lúdico evidencia-se, principalmente, no sentido de que somos ‘tocados’, transformados pelas experiências - principalmente aquelas proporcionadas pelas leituras literárias que nos atravessam de maneira que adquirimos novas formas de perceber/sentir a nós mesmos e ao mundo.

Pensar a presentificação do lúdico no texto literário é também pensar na linguagem literária, pois “a encantaria da linguagem literária reflete a vida através de suas variadas formas: ficcional, dramática e poética” (Rego; Araujo, 2021a, p.156). Essa linguagem, vista como encantaria, consegue presentificar por meio das palavras sentidos e emoções, trazer ainda novas significações, imagens e sentidos que se encontram para além da linguagem habitual/comum. Acerca dessa linguagem, Paz (1982, p. 82) nos diz que:

A linguagem, por inclinação natural, tende a ser ritmo. Como se obedecesse a uma misteriosa lei da gravidade, as palavras retornam espontaneamente à poesia. No fundo de prosa circula, mais ou menos rarefeita pelas exigências do discurso, a universal corrente rítmica.

O fragmento da poesia de Carlos Drummond consegue ilustrar pontualmente essa inclinação natural da linguagem em ser ritmo e em manifestar seu jogo com a linguagem:

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade, A procura da poesia, 1945)

Esse trecho da metapoesia de Drummond expressa muito bem o que aqui tencionamos demonstrar, pois, ao refletir sobre seu próprio ato de criação poética, ele realiza um convite ao leitor/a para que contemple as palavras e possa também compreender que elas possuem diversas significações, mas não faz isso de maneira qualquer, ou como estamos habituados; faz esse convite de maneira a “brincar” com as palavras, envolvendo seu leitor/a com o jogo da linguagem. Ou seja, essa linguagem que brinca com as palavras tende a cativar/encantar mais significativamente os sujeitos. Desse modo, “a literatura possibilita conhecer o mundo através da imaginação, convida aos afetos, à sensibilidade e à inteligência, além de proporcionar a reflexão crítica, o conhecimento e a fruição estético” (Rego; Araujo, 2021a, p.159). Sobre essa possibilidade de conhecer o mundo através da imaginação, observemos o poema *Isto*, de Fernando Pessoa

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está de pé,
Livre do meu enleio,

Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

Nessa metapoesia, o eu lírico, ao discorrer sobre seu processo criativo, permite-nos entrever a engrenagem que origina os versos, de modo que é criada uma ligação com o/a leitor/a, ou seja, mesmo se tratando de uma metapoesia que externa certa racionalização, isto é, prioriza a razão no momento da produção literária. E, ainda assim, cada verso consegue comunicar-se com o sujeito que o lê, de uma maneira subjetiva. Estabelecendo nessa comunicação, portanto, um despertar para o pensar e sentir, acerca da literatura e toda sua potencialidade. Sobre isso Candido (1995, p.178) nos diz que,

as palavras [...] são mais que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca [...]. Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido a fusão [...] da mensagem com a sua organização.

Portanto, os escritos literários têm em sua composição o poder de tocar-nos por dentro, de modo a colocar-nos diante de nós mesmos, num movimento de interiorização. É certo que a literatura nos inquieta, movimenta e desassossega. Desse modo, Rego e Raimundo (2021b, p.219) nos lembram que: “a obra literária nos movimenta por dentro, contorce-nos, retira-nos da zona de conforto, desafia nossos eus e fantasmas. Por isso, o bom livro é aquele que, segundo Kafka, deve ser um martelo, capaz de desconstruir o mar gelado que nos paralisa.

LEITORES/AS EM DESASSOSSEGO NA ESCOLA

Para que tratemos dos leitores/as em desassossego na escola é importante que pensemos e reflitamos no que se refere à leitura literária no ambiente escolar, e de que maneira tais obras conseguem movimentá-los/as e desassossegá-los/as. Sabemos que existem obras literárias em prosa e em verso, de autores/as brasileiros/as e estrangeiros/as, de variadas épocas e gêneros que são lidos principalmente pelos/as educandos/as em seus variados níveis educacionais. Desse modo, entendemos que a literatura se faz presente na vida escolar dos sujeitos. A literatura que é lida em sala de aula proporciona a professores/as e educandos/as múltiplas aprendizagens. De acordo com Amorim, Domingues, Klayn e Silva (2022, p.20), a obra literária

[...] convida também a explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorrem da esfera íntima. Enriquecimento do imaginário, enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia, construção de transformação identitária estão em ato de leitura.

Através das experiências humanas, do enriquecimento do imaginário e das sensibilidades é que os sujeitos vão se tornando mais críticos e reflexivos e então saem da zona de conforto em que se encontram e são confrontados, desassossegados frente às realidades postas por meio do texto literário, pois, segundo Amorim, Domingues, Klayn e Silva (2022), sempre há questões que mexem com o nosso eu mais profundo, o que coloca em discussão a forma como interagimos com nós mesmos, com o outro e com o mundo. “Sempre há carências de respostas e buscas incessantes por sentidos para a vida, vazio existencial - este muitas vezes instigado pela leitura de literatura” (Amorim; Domingues; Klayn; Silva, 2022, p.22). Estes autores ainda mencionam que, durante a etapa escolar, é comum que os jovens se apropriem dos textos literários com os quais se sintam tocados e se identifiquem para externar sentimentos/emoções que muitas vezes não são compreendidos por eles mesmos. Assim, para Aguiar (2013, p.160-161), a leitura literária deve estar em primeiro lugar, pois:

Ler ficção não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentada no imaginário a partir das ingerências do cotidiano da história individual e social. Talvez, nessa caminhada, o prazer maior seja nos descobrirmos capazes de descobrir, porque o grande saldo da arte é o de desvelar ao homem sua própria humanidade.

Nesse sentido, a literatura também como uma arte tem a potencialidade de ser um dos caminhos para se chegar ao universo do conhecimento, que proporciona inquietações, reflexões, críticas e desassossegos aos leitores/as. De modo que precisa ser entendida como necessidade humana, ou ainda como “um estímulo ao intelecto e à alma – capaz de despertar prazer e ludicidade” (Rego; Raimundo, 2021b, p. 217). Mas, para que isso aconteça, é necessário que se proporcione o acesso à leitura, pois o ato de ler é agente transformador que consegue assumir diversificadas significações, o que potencializa nos sujeitos o imaginar, o sentir e o refletir. Diante dessa perspectiva, os sujeitos reinventam-se como protagonistas de suas vivências/realidades diante de sua grande capacidade de fabular e pensar a vida na

sua mais complexa existência, caminhando para o humanizar-se a si mesmo e ao outro. Zilberman (2008, p.17) ainda afirma que:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo.

Certamente, a leitura do texto literário fomenta o diálogo com o eu mais íntimo do/a leitor/a, e com o mundo a sua volta. De modo que o faz expandir seu senso crítico, confrontando a realidade que o cerca, pois permite que compreenda melhor o mundo e aperfeiçoe as subjetividades e sensibilidades através da leitura literária. Dessa maneira, para Cosson (2006), o ato de ler e o fato de ser um sujeito leitor/a, são práticas que podem transformar as relações humanas.

NAS VEREDAS DA COMPETÊNCIA LEITORA

Pensar o trilhar e o construir da formação da competência leitora de cada sujeito é pensar também na contribuição que o texto literário tem na concretização dessa formação, uma vez que pode potencializar todo esse processo formativo, visto que na percepção de Silva (2020) o contato com a literatura trata-se de uma maneira de compreender melhor e de forma mais profunda uma espécie de “mecanismo” capaz de desautomatizar nossa compreensão acerca do cotidiano, atuando em um caminho contrário à padronização da apreensão da realidade, tendo a potencialidade de desenvolver e aguçar nossa sensibilidade e inteligência, habilitando-nos para uma leitura mais abrangente de mundo, despertando nossa capacidade de indagação, criando em cada leitor(a) consciência crítica da realidade que o cerca. Por isso, no que se refere à educação no âmbito escolar, se faz de suma importância, conforme afirma Rego e Araújo (2021a, p. 160),

Que o currículo seja reformulado, para que o ensino da literatura possa ser dinâmico e prazeroso explorando no texto literário sua força encantatória e transformadora, uma vez que ele, a partir da complexidade de sua própria natureza, expande a nossa capacidade de ver e sentir o mundo.

Nessa perspectiva, pensar o remanejar do currículo é dar lugar às inúmeras possibilidades que a literatura pode proporcionar no caminho da formação da competência leitora, de tornar os sujeitos letrados, críticos, criativos e proficientes. Ainda, segundo os autores acima mencionados, as obras literárias trabalhadas em sala de aula de maneira lúdica e crítica conseguem proporcionar aos sujeitos estados de encantaria, esta que pode ser compreendida como habilidade/potencialidade de ir além da razão, de maneira a reavivar a imaginação, onde se “entrelaçam sentimentos e pensamentos levando o sujeito a outras compreensões de mundo” (Rego; Araújo, 2021a, p.161).

Um leitor/a em formação deve estar para além de um sujeito que veja o texto literário unicamente como forma de sair-se bem nas disciplinas escolares, mas sim de enxergar a literatura como um espaço para vivenciar este e outros mundos, que a literatura seja ainda um local “no qual, ao mesmo tempo que escapam de sua vida, encontram-na; leitores que, quando leem, sofrem, riem, se engasgam, têm arrepios, sentem sua vida se misturar com o que está sendo lido [...]” (Amorim; Domingues; Klayn; Silva, 2022, p. 39). Acerca disso, Silva (2020) nos lembra que pra que os sujeitos possam formar-se plenamente como cidadãos conscientes e críticos, é preciso que a escola esteja comprometida com uma prática de leitura ligada à realidade dos sujeitos leitores, não enxergando esse processo como algo maçante e sem valor, mas de forma relevante e prazerosa. Em muitos momentos, a escola encontra-se focada nas metas burocráticas a serem cumpridas, não deixando espaço suficiente para leituras autônomas e proveitosas por parte dos alunos, situações que devem ser repensadas e reformuladas. Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) explicita que:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2018, p.87).

Dessa maneira, a BNCC refere-se a um ensino literário capaz de despertar/provocar no sujeito reflexões críticas, experiências lúdicas e criacionais transformadoras. Mas ainda há muito o que aperfeiçoar; proporcionar melhores oportunidades/situações para que a verdadeira prática desses parâmetros possa

ocorrer, que sejam atitudes contínuas no decorrer de todo o ensino escolar. Assim, o sujeito leitor/a, ao reconhecer a importância do ato de ler, principalmente fomentado pela escola e educadores, começa a enxergar o valor que a literatura tem em suas vidas. E nisso, a escola pode e é capaz de

Cooperar na formação do leitor, levando o aluno a compreender a leitura literária como fator relevante para o seu desempenho em outras disciplinas, na vida social, na humanização, numa visão de mundo ampla, isso acontece quando ela vem atender a necessidade do leitor crítico com livros literários [...] (Pinto, 2016, p.20),

Pois, como enfatizado no decorrer de todo este artigo, as escritas literárias têm o potencial de proporcionar aos sujeitos transformações que perpassam a sua relação consigo mesmo e com o mundo. Nesse sentido, é importante que alarguemos nosso pensar acerca da formação da competência leitora, e pensemos nela unida ao ensino de literatura através dos meios digitais, os quais potencializam a construção dessa competência. Conforme dizem Rego e Araújo (2021a, p. 162), “a literatura digital é um movimento permanente que oportuniza a formação leitora e o acesso às obras literárias”. Sabemos que a formação do/a leitor/a não é tarefa simples, é necessário que o educador possua preparo intelectual, muita dedicação e persistência. Pensar na construção da competência leitora, não é puramente tratar como decodificação, mas adquirir uma série de habilidades e conhecimentos que necessitam ser ampliados e fortalecidos. Tal competência se evidencia num processo em que a leitura

se dá a partir da relação entre o leitor e a obra, em especial quando ele vivencia experiências estéticas que o conduzem para as zonas mais profundas do texto proporcionando-lhe um olhar crítico capaz de interpretar e externar aquilo que foi sentido e compreendido (Rego; Araújo, 2021a, p.166).

Ou seja, sendo a leitura esta relação entre leitor/a e texto, o/a educando/a, ao ser “tocado”/sensibilizado pelo texto literário, consegue estabelecer uma relação tanto com suas leituras já realizadas, como também considerar e relacionar com seus conhecimentos prévios seu contexto cotidiano, ações essas que enriquecem e potencializam a obra literária. Paulino (2004, p. 56) aponta que a formação do leitor literário

significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte

de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção.

Assim, através da interdiscursividade, das memórias de cada sujeito são alargadas as possibilidades de interpretação, o que torna os leitores/as mais críticos e reflexivos, de modo a contribuir direta ou indiretamente com a sociedade, e logo também com sua realidade mais próxima, a qual vivenciam no dia a dia. A literatura ainda “oportuniza ao indivíduo constituir-se como sujeito na complexa teia das relações sociais, além de possibilitar uma maior compreensão do que os cerca” (Rego; Araujo, 2021a, p. 167). De fato, tencionamos que os sujeitos leitores consigam vislumbrar por meio dos textos literários o imenso caráter formativo que possuem, enxergando na literatura os diversos caminhos para o conhecimento acerca de tudo que os cerca, desde o mundo até seu próprio ser, em suas mais complexas teias do estar e existir no mundo. Para isso, Amorim, Domingues, Klayn e Silva (2022, p. 95) pontuam que é preciso “enxergar o letramento literário tanto como individual quanto como social, pois nesse processo pode-se compor, negociar, validar, desafiar ou ainda informar padrões culturais, identidades e comportamentos”.

Logo, a essência, seja da formação da competência leitora ou do letramento literário, se estabelece a partir do diálogo, uma vez que o/a leitor/a sempre constituirá sentidos e interpretações estabelecendo relações consigo mesmo e com o mundo. Ainda para esses autores, ser letrado envolve o amadurecimento crítico do/a educando/a, assim facultando a ele uma transformação/alteração de seu futuro social. Diante disso, segundo Silva (2020), a leitura, em seu sentido lato, consegue contribuir substancialmente para a promoção da cidadania, resultando num processo de inclusão social e afirmação identitária. Daí a importância e necessidade de se proporcionar sistematicamente situações, momentos, eventos de leitura por meio dos quais se confere aos sujeitos inserção social, criticidade, sensibilidade dentre outros aspectos que a leitura literária é capaz de desenvolver. Ainda na perspectiva do autor supracitado, a rigor, o que um projeto de letramento literário se propõe é equacionar de maneira positiva as várias distorções presentes na sociedade, pois se trata de, através da literatura, democratizar os saberes, utilizando os conhecimentos e discussões trazidas pelas leituras.

À vista disso, o diálogo da literatura com o cotidiano social dos sujeitos oportuniza o desenvolvimento proficiente da competência leitora, “contribuindo para o seu crescimento humano enquanto ser movido pelo *logos*, *phatos* e *ludens*” (Rego; Araujo, 2021a, p. 166). Além disso, para Fernanda Mota Pereira (2019), a literatura é um dos caminhos que torna acessível o mergulhar na história das pessoas, fomentando a autoconsciência e consciência social. A literatura não se limita apenas à transmissão de conhecimentos sócio-históricos, mas também consegue acionar/estimular a imaginação, mostrando ao leitor/a sua habilidade de pensar e refletir para além de seu campo de experiências. “Ler é realizar a experiência de se pensar pensando o mundo” (Yunes, 2014, p. 25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, buscou-se neste artigo demonstrar a grande importância da literatura na vida de cada um/a, pois consegue estabelecer diálogos sociais e subjetivos, assim potencializando as leituras críticas que os sujeitos fazem acerca da realidade/do mundo, além de despertar-lhes a autoconsciência. Tornou-se notória a força encantatória e humanizadora que as leituras literárias exercem.

Destacamos ainda que, para além do poder transformador, num movimento de dentro para fora, faz-se presente o elemento lúdico, inerente a toda escrita literária. O mesmo se faz presente principalmente por meio do “jogo” com as palavras, que burla regras gramaticais e consegue cativar seus leitores/as, conectando-o com texto. Nessa conexão, o leitor/a pensa, indaga, reflete, critica, desassossega e modifica-se a si mesmo e à realidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T. O saldo da leitura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOUVERFALEIROS, R. (orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.
- AMORIM, Marcel Alvaro de; DOMINGUES, Diego; KLAYN, Débora Ventura; SILVA, Tiago Cavalcante da. *Literatura na escola*. São Paulo: Contexto, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Vários escritos: duas cidades*, 1995.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

GREGÓRIO, F. Francisco. Oralidade, afeto e cidadania. In: YUNES, Eliana (org.). *Pensar leitura: complexidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2014.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LOPES, Conceição. Design de ludicidade. *Revista Entreideias*, Salvador, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/entreideias/article/view>.

MACHADO, Thaysa Calandino Faria. *A importância da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem: a ruptura entre a passagem da educação infantil para o ensino fundamental*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

MINEIRO, Marcia; D'ÁVILA, Cristina. Ludicidade: considerações conceituais de pós-graduandos em educação. *Educação em Revista*, Salvador, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/pfxvGbRYGrfcjhrywZZkbFG/?format=pdf>.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Fernanda Mota. *Educação e literatura*. Salvador: EDUFBA, 2019.

PINTO, Jesuíno Avelino. Literatura e ensino: as múltiplas faces da leitura no processo de formação de leitores no ensino médio. *Revista de Educação do Vale do Arinos*, Mato Grosso, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/issue/view/94>.

REGO, Adriano Eysen; ARAUJO, Poliana Silva. A literatura como encantaria da linguagem: leitores(as) em rede. In: REGO, Adriano Eysen (org.). *Literatura e educação: nas tramas da trans(in)disciplinaridade*. São Paulo: [s.n.], 2021a.

REGO, Adriano Eysen; RAIMUNDO, Agmar. Literatura e cinema: linguagens artísticas para a formação leitora do(a) aluno(a) na escola. In: REGO, Adriano Eysen (org.). *Literatura e educação: nas tramas da trans(in)disciplinaridade*. São Paulo: [s.n.], 2021b.

SILVA, Maurício. *Educação e literatura: ensaios sobre leitura literária e ensino de literatura*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

YUNES, Eliana (org.). *Pensar a leitura: complexidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, n. 14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>.

Artigo recebido em 24 de janeiro de 2025.

Aprovado 21 de maio de 2025.